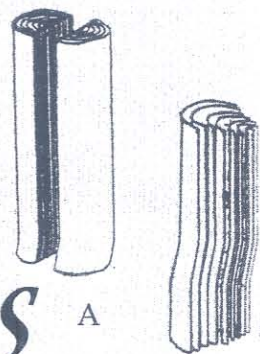


PERGAMINHO

Seus precursores

por
Leopold Rodés



Inicialmente, este ensaio histórico visava apresentar o tema do pergaminho focalizando seus principais aspectos históricos, os procedimentos artesanais pelos quais a sua manufatura foi iniciada, seu desenvolvimento e sua evolução.

O ensaio foi se abrindo com uma amplitude inesperada e, com seus aspectos históricos ficando intimamente misturados com os relativos às técnicas usadas, foi surgindo um entretecido de trama e urdidura difícil de separar nos seus componentes e descortinando ao mesmo tempo muitos caminhos convidativos para mergulhos históricos em profundidade cada um mais interessante que os outros.

Entre os mergulhos mais tentadores foram escolhidos aqueles que permitiam colocar as informações “pescadas” sobre um reticulado temporal que deixava transparecer relacionamentos entre acontecimentos aparentemente independentes, mas que o seu posicionamento temporal indicava estarem relacionados direta ou indiretamente como reflexo de outros acontecimentos distantes no tempo.

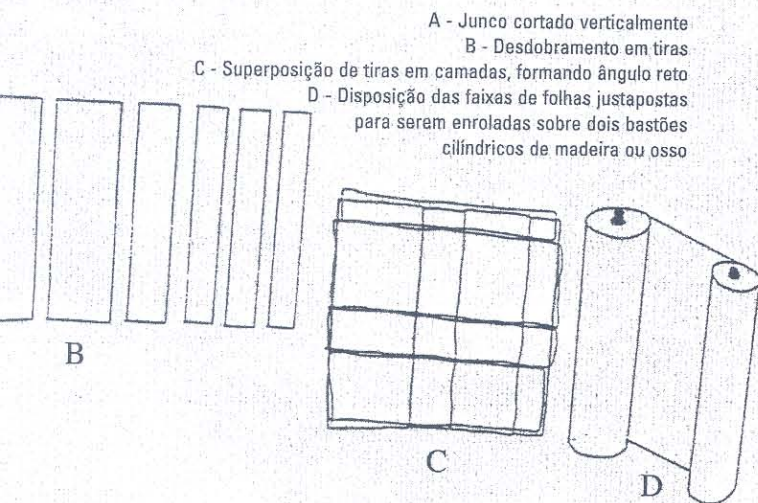
A bibliografia disponível é muito irregular e as informações de primeira mão não são muito confiáveis. A sua interpretação, porém, é facilitada pelos conhecimentos hoje disponíveis sobre a fisiologia das peles animais e as bases físico-químicas do comportamento das substâncias que os compõem antes, durante e após da curtição dos couros. Por isso tudo, foi considerado conveniente apresentar este ensaio em três partes: a parte histórica dividida entre “os precursores” do pergaminho, como tema preliminar; a dedicada à história do próprio pergaminho, seguida de uma terceira parte relativa às técnicas artesanais que permitiam transformar as peles de animais em suportes para a escrita, desenho e pintura.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

A história nos mostra que, desde os tempos mais antigos, os suportes demandados para atender às necessidades da escrita administrativa privada e/ou da burocracia estatal formaram a seguinte seqüência: o papiro, o pergaminho e o papel. Cada um destes materiais é um índice do nível de desenvolvimento cultural dos respectivos usuários, isto é, do nível de conhecimentos acumulados que lhes permitiu se servir de um suporte determinado para “perpetuar” a memória escrita de um evento. No presente ensaio, dedicado especialmente aos precursores do pergaminho, foi julgado conveniente incluir, além do papiro, a terracota da escrita cuneiforme, assim abrangendo os dois suportes que antecederam o pergaminho na seqüência acima apontada. A interface do papiro com o suporte da escrita cuneiforme deverá permitir melhor visualizar a extraordinária revolução que representou a transição das tabletes de barro cozido até o papiro, precursor do pergaminho.

A ESCRITA CUNEIFORME

Cuneiforme foi um sistema de escrita usado em diversos idiomas do Oriente próximo, por um longo período de tempo (desde XXX a.C. até I d.C.). Inicialmente restrita à Mesopotâmia, a escrita cuneiforme usou conjuntos de marcas incisadas na superfície de tabletes ainda úmidas de argila mediante um estilete provido de uma ponta triangular. As marcas ou incisões eram feitas configurando conjuntos distintos e visualmente diferenciáveis e cuja morfologia linear se inspirava nos antigos pictogramas que os precederam e dos quais herdaram seus significados. As marcas eram “fixadas” ao fogo, convertendo as



tabletes em pequenas peças de cerâmica vermelha, verdadeiros “tijolinhos” de terracota.

O idioma sumério, à cavalo da sua escrita cuneiforme, passou a ser a língua franca no Oriente próximo durante o segundo milênio a.C. A espessura minimizada dos tijolinhos tornava muito frágil este suporte, sem que sua diminuição conseguisse vencer o incômodo do seu peso. A fragilidade e o peso das tabletes de argila foram dois graves inconvenientes que deixaram, tanto o suporte como o sistema da escrita nele associado, muito vulneráveis perante as diversas alternativas que foram aparecendo.

Entre as alternativas que a história registra, se destaca pela sua semelhança com as tabletes de terracota: a de uma lâmina de metal ou de madeira encaixada numa moldura (protetora da superfície da lâmina durante o manuseio ou armazenamento por superposição). Sobre a superfície plana da lâmina era depositada, à temperatura de fusão, uma camada de um material formado pela mistura de resina vegetal e cera de abelhas. Após resfriar, a superfície da camada sólida conservava o aspecto liso do líquido, em condições de receber marcas deixadas pela ponta de um estilete, de modo semelhante à escrita cuneiforme. As marcas podiam ser apagadas aquecendo até a temperatura de liquefação da camada, que, voltando à temperatura ambiente, solidificava deixando a sua superfície uniformemente lisa e em condições de receber novas marcas.

O PAPIRO

Entre as alternativas para a escrita cuneiforme, cabe destacar de um modo especial o papiro porquanto já desde o sécu-

lo XXIV a.C. os povos do Mediterrâneo oriental usavam o cerne do junco *Cyperus papiro* como base para a elaboração de um suporte da escrita que passou a ser conhecido pelo nome do vegetal do qual era retirado.

O papiro era obtido do cerne do junco e, separado do resto do vegetal, ele era cortado verticalmente em duas partes semicilíndricas iguais. As camadas concêntricas que o formam eram cuidadosamente separadas e cortadas formando tiras delgadas de comprimento e largura convenientes. Estas tiras, umedecidas, eram colocadas paralelamente entre si sobre uma superfície plana de madeira para formar uma primeira camada fibrosa, seguidamente coberta com uma segunda camada de tiras posicionadas em ângulo reto com relação à da primeira. As duas camadas eram, então, prensadas conjuntamente e cuidadosamente batidas com um maço para “abrir” as fibras, batimento este que provocava a ruptura dos vasos celulares das tiras de cerne, assim induzindo uma exsudação de seiva vegetal neles contida. Após secar ao sol as duas camadas, a seiva atuava como um adesivo que as mantinha coladas, formando uma folha de papiro.

Este material precisava ter suas superfícies alisadas e polidas para poder acolher a tinta da escrita depositada mediante o cálamo, instrumento usado para escrever deslizando suavemente sobre a superfície da folha de papiro. Tanto para a escrita como para a leitura, era conveniente formar uma longa tira de papiro mediante a justaposição de um número determinado de folhas coladas entre si, formando uma longa tira de suporte até atingir o comprimento necessário para nela escrever ou transcreever um determinado documento. A obra manuscrita sobre a tira de papiro era, usualmente, enrolada sobre um ou, melhor ainda, dois cilindros de madeira ou osso, formando rolos para sua conservação.

O papiro foi usado por muito tempo desde os seus primeiros tempos no Egito até os confins do Império Romano, se alastrando até os últimos tempos da dominação romana sobre os povos do Oriente Médio, quando foi decaindo o seu uso provocando uma diminuição paulatina da sua produção para ser substituído pelo pergaminho, material mais econômico e, principalmente, bem mais duradouro e resistente. ▲